

“NI DE AQUÍ NI DE ALLÁ”: O SPANGLISH COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA ENTRE OS PORTO- RIQUENHOS DE NOVA YORK.

Thábata Christina Gomes de Lima

Orientador: Dr. Xoán Carlos Lagares Diez

Doutoranda

RESUMO: Como atividade social, as línguas são construídas e reconstruídas, ao longo dos anos, através das mudanças e variações que permeiam a vida em sociedade. Sabendo que “são os falantes que fazem as línguas”, podemos acreditar que o surgimento de determinados fenômenos esteja diretamente associado às necessidades linguísticas e culturais dos indivíduos que convivem em determinada comunidade. E isso evidencia as mudanças e diversidades a que essas pessoas foram submetidas. Partindo do pressuposto de que as identidades não são fixas, inacabadas ou completas, podemos acreditar que o ser humano viva em uma constante busca por descobrir-se e/ou (re)definir-se, e o contato com pessoas, línguas e culturas diferentes pode ser um ponto crucial no desenvolvimento desse processo. Tomando por exemplo a situação dos porto-riquenhos residentes em Nova York, os quais convivem diariamente com a problemática de pertencer a dois lugares e ao mesmo tempo a nenhum deles por completo, podemos compreender como a utilização de um determinado fenômeno (*Spanglish*) pode ser fundamental na manifestação das identidades híbridas desses indivíduos. Além disso, podemos observar como os porto-riquenhos encontraram maneiras de se adaptar ao modo de vida norte-americano, sem perder aquilo que consideram como “*essência boricua*”. Assim, decidimos analisar como o uso do *Spanglish* entre os porto-riquenhos de Nova York pode configurar na construção e na reconstrução de suas identidades. Ainda que os pesquisadores não tenham chegado a um consenso sobre o que vem a ser este fenômeno, seus falantes reconhecem a importância que ele representa para diversos hispanos ao redor do mundo. Assim, percebemos que o uso do *Spanglish* vem sendo questionado e difundido a cada dia mais, pois, não representa apenas um modo de falar

“diferente”, mas manifesta um “terceiro espaço”, em que os costumes e os valores hispanos e anglos são entrelaçados.

PALAVRAS-CHAVE: *spanglish*; *Nuyoricans*; identidade.

A partir da invasão norte-americana à ilha de Porto Rico, em 1898, e da consequente transformação deste país em um “Estado Livre Associado” dos EUA, em 1952, a vida dos porto-riquenhos mudou drasticamente. Com o título de “cidadãos americanos”, muitos porto-riquenhos migraram para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. Na Terra do Tio Sam, esses porto-riquenhos constituíram diversas comunidades, principalmente em Nova York.

Entretanto, com o passar do tempo, começou-se a questionar a identidade desses migrantes, visto que não eram mais considerados legítimos hispanos, por seus compatriotas insulanos, nem autênticos norte-americanos pelos demais estadunidenses. Assim, os porto-riquenhos nos EUA começaram a levantar as seguintes problemáticas: “Quem somos nós: porto-riquenhos ou norte-americanos?”, “Qual ‘identidade’ assumir?”, “A quem devemos lealdade?”.

Dentro desses questionamentos, iniciou-se também a dúvida a respeito da língua a ser utilizada e a ser ensinada aos seus filhos: “inglesa ou espanhola?”. Com o passar dos anos, muitos desses indivíduos perceberam que não poderiam dissolver as duas línguas e culturas, visto que se encontravam em um espaço intermediário. E que não precisariam escolher entre uma identidade e outra, pois possuíam uma identidade híbrida, mestiça.

Através do movimento artístico-literário denominado como “*Nuyorican*” muitos intelectuais de Porto Rico puderam problematizar a questão de viver entre dois povos e entre duas culturas. Neste contexto, o *Spanglish* surgiu como uma maneira de os porto-riquenhos nos EUA manifestarem sua dupla identidade, pois, ele se converteu não apenas em uma forma de falar, mas em uma forma de vida. (VALENCIA, 2005, p.184)

Os porto-riquenhos em Nova York: Os *Nuyoricans*

De um modo geral, a presença porto-riquenha na cidade de Nova York tem sido associada à pobreza e à discriminação social. Assim como muitos imigrantes afro-americanos do sul dos EUA, estes hispanos chegaram para trabalhar em um setor industrial que, a partir dos anos 1960, foi massivamente automatizado ou exportado a países com mão de obra mais barata. (ROURA, 2006, p.26)

Em relação à educação, muitos *boricuas* acabam sofrendo preconceitos por serem hispano-falantes. Dessa forma, muitos indivíduos de segunda ou terceira geração preferem que seus filhos não aprendam o idioma de seus antepassados, e que se comuniquem unicamente em inglês, a língua de prestígio para a sociedade norte-americana. (ROURA, 2006, p.26)

Entretanto, de acordo com Pérez (1996), alguns políticos e intelectuais porto-riquenhos estão lutando pelo desenvolvimento de políticas culturais e de legislação cultural, há muitos anos, com o intuito de preservar certas práticas que consideram fundamentais para a preservação da “personalidade porto-riquenha”. Logo, buscam manifestar e afirmar suas identidades “boricuas” e/ou porto-riquenhas.

Segundo Acosta Bel (2014):

Este sentido de identidade está baseado em suas experiências de classe obreira marginalizada e de minoria étnica que teve que enfrentar umas condições socioeconômicas desvantajosas e a discriminação racial. Ainda que prevaleça um forte sentido de nacionalidade porto-riquenha entre os membros da diáspora, frequentemente estes também se identificam como “Nuyoricans”, “Neo-Ricans”, “Diasporicans”, ou simplesmente boricuas ou porto-riquenhos. Estas tendências se manifestam na produção artística e literária da diáspora. A convivência do inglês com o espanhol, junto à mistura do porto-riquenho/latino e do anglo-saxão, criou um novo espaço de hibridez cultural e linguístico, e novas manifestações do que significa ser porto-riquenho, não necessariamente idênticas às dos porto-riquenhos da Ilha. (ACOSTA BEL, 2014, *página web*, tradução nossa)

Assim, mesmo que uma parcela da população porto-riquenha nos EUA tenha decidido adequar-se à “*American Way of Life*”, um grupo bastante significativo decidiu lutar por seus direitos e pela preservação de suas raízes culturais *boricuas*, ao passo que compreendiam a importância da cultura norte-americana em suas vidas. Este grupo de idealizadores ficou conhecido como *Nuyoricans*, *Niuyoricans*, *Newrricans*, *Newyoricans* ou *NewRicans*.

Segundo Grem (2003:2), no ano de 1975, Miguel Algarín e Miguel Piñero nomearam como “*Nuyorican*” a um movimento literário constituído por escritores porto-riquenhos em Nova York, que havia começado a tomar forma na década anterior. Estes poetas resolveram utilizar esta nomenclatura em um título de uma antologia poética que iriam publicar, após serem chamados de “*Newyoricans*” em Porto Rico, por utilizarem o inglês em suas conversas.

Para Mercado (2014), o conceito de “*Nuyorican*” surgiu nos anos setenta com o objetivo de atingir dois propósitos: descrever um grupo de pessoas que moravam nos EUA, mas que não era considerado parte daquela nação, e descrever o movimento literário que aqueles indivíduos criaram. Assim, os porto-riquenhos nascidos ou criados na cidade de Nova York que adotaram o inglês e o estilo de vida norte-americano, e conseguiram combinar isso com o espanhol e os costumes porto-riquenhos, ficaram conhecidos como “*Nuyoricans*”. (MERCADO, 2014, *página web*)

Pérez (1996) acrescenta que:

A designação deste termo já é em si significativo: New York Puerto Rican, em que a parte que corresponde a Nova York nesta palavra se soletra na gramática espanhola “nuyor”, em vez de New. A segunda parte, a que corresponde a Porto Rico, se designa em inglês rican, de Porto Rico. Esta complexa construção designa a ambiguidade do espaço, de ser dois e um ao mesmo tempo. (PÉREZ, 1996, p.191, tradução nossa)

Desta forma, o termo “*Nuyorican*” está relacionado com a ambiguidade a que os porto-riquenhos em Nova York estão expostos, com a dificuldade de serem dois e um ao mesmo tempo, de não serem considerados pertencentes exclusivamente a nenhuma das duas nações: Porto Rico e EUA.

Logo,

A comunidade porto-riquenha de Nova York inscreve-se como parte de uma “nova etnia” [...] nova-iorquina que utiliza o sincretismo linguístico-cultural como estratégia contra-discursiva de ressignificação do espaço da metrópole, através de tradições e traduções que geram novas geografias de identidade transnacionais. (Torres, 2000, p.35)

Os porto-riquenhos de Nova York encontram-se inseridos em um sincretismo linguístico-cultural muito peculiar. Através da possibilidade de serem tanto porto-riquenhos quanto nova-iorquinos, os *nuyoricans* criam e manifestam um espaço intermediário, em que é possível participar um pouco dos dois e, ao mesmo tempo, de nenhum deles completamente.

Acosta Bel (2014) afirma que numerosos escritores da diáspora recrearam as experiências migratórias de suas famílias e os choques culturais entre as diferentes gerações e a sociedade da ilha. “Este grupo, conhecido como os *Nuyoricán Writers*, estava composto por Miguel Piñero, Miguel Algarín, Pedro Pietri e Lucky Cienfuegos, que cresceram em Nova York e falavam e escreviam em inglês e espanhol”. (OSORNO, 2004, página web, tradução nossa)

Além disso,

A vida nos bairros e a problemática da identidade também influenciaram a música, as artes plásticas e o teatro. Ritmos musicais como a salsa, o rap, o hip hop e o reggae expressam muitas das condições sociais enfrentadas pelos porto-riquenhos da diáspora e a hibridez cultural que prevalece em seu ambiente. (ACOSTA BEL, 2014, página web, tradução nossa)

Deste modo, com o crescimento e o desenvolvimento das comunidades de porto-riquenhos em Nova York, ampliaram-se também as manifestações artísticas e literárias dos *Nuyoricans*, e novos ambientes e associações culturais foram organizados.

García (2010:69, tradução nossa) reconhece que “intimamente ligada ao conflito da identidade que sofrem muitos porto-riquenhos se encontra a questão da língua”. Muitos escritores *Nuyoricans* enfrentaram o seguinte dilema: “em qual língua escrever?” Alguns críticos acreditavam que os escritores porto-riquenhos deveriam escrever em espanhol, por remeterem-se aos problemas da Ilha; outros pensavam que os autores deveriam redigir suas obras em inglês, visto que a maior parte das temáticas dos trabalhos estava relacionada à vida nas comunidades de Nova York. Entretanto, muitos desses escritores encontraram na mistura e na alternância de códigos uma alternativa para expressar a dualidade em que viviam.

De um modo geral,

Cada um dos autores porto-riquenhos [...] elege uma determinada língua para criar sua obra: seja em espanhol, seja em inglês, ou seja em ambos (no caso de que autotraduzam ou utilizem o *code-switching*¹), dependendo de diversas circunstâncias como o lugar de nascimento, o lugar de residência, a difusão da sua obra, o alcance editorial que alcançam, etc. Porém, ainda que cada um reflita a sua maneira, no que sim parecem coincidir todos é nesse anseio por definir-se. O denominador comum é a afirmação dessa identidade. (GARCÍA, 2010, p.72, tradução nossa)

Ainda que esses autores escolham distintas formas linguísticas para se expressarem, o que os une é a busca pela afirmação de suas identidades *Nuyoricans*.

Segundo García (2010):

Esta ideia de identificação com duas culturas e duas línguas, que a maioria dos autores porto-riquenhos expressaram desde a metade do século passado e que se acentuou pelo fenômeno da emigração, serviu para perceber uma realidade dupla que enriqueceu a produção artística dos autores ‘riquenhos’ – tanto dos que vivem em uma orla, Porto Rico, como dos que têm sua voz na outra, os Estados Unidos. Apesar das possíveis implicações políticas que puderam inferir da eleição de um código linguístico ou outro na hora de escrever, todos os autores [...], com independência do idioma eleito, exploram a estreita relação entre migração, língua e identidade na hora de lembrar e celebrar sua (bi)cultura ‘riquenha’. (GARCÍA, 2010, p.79, tradução nossa)

Deste modo, independentemente do código eleito, o que estes autores buscam é manifestar sua identificação com as culturas porto-riquenha e norte-americana e reconhecer, de certa forma, seu distanciamento em relação a ambas.

Torres (2009:88) acredita que os *boricuas* forjaram suas próprias identidades nos EUA, e o uso combinado de espanhol e de inglês tem-se tornado o veículo de propagação das mesmas. O autor segue afirmando que “em autores pertencentes a este grupo se observa como o tratamento do contato de línguas é um reflexo da nova consciência linguística que gera o fenômeno”. (TORRES TORRES, 2009, p. 88, tradução nossa)

¹ Segundo Calvet (2012:34-35), o *code-switching* estaria relacionado à alternância de idiomas entre uma frase e outra.

Grem (2003) acrescenta que:

Mais do que qualquer característica, estudos da poesia Nuyorican não tratado a linguagem que esta emprega, especificamente seu uso frequente do inglês ou uma mistura de inglês e espanhol comumente chamada 'Spanglish'. Em geral, estes estudos mostram o uso do Spanglish como a característica que melhor exemplifica a luta interna de parte dos poetas para reconciliar duas culturas diversas, ou a natureza híbrida que resulta na poesia quando logram fazê-lo. Contudo, ainda que este fenômeno linguístico certamente se apresente na tradição Nuyorican, em realidade somente caracteriza uma fração de seu corpo literário. Ao aprofundar mais o tema da linguagem Nuyorican, se nota que o uso do Spanglish forma parte de uma estética mais extensa que consiste no uso da linguagem informal, influenciado pela tradição oral porto-riquenha e a incorporação de vozes diversas. Uma análise desta estética possibilita um entendimento muito mais completo do movimento Nuyorican. (GREM, 2003, p.22, tradução nossa)

Assim, o *Spanglish*, conhecido popularmente como a mistura das línguas espanhola e inglesa, tornou-se um grande aliado dos poetas *Nuyoricans* na busca pela expressão e manifestação de uma dupla identidade.

Atualmente, ser *Nuyorican* vai além de pertencer ou não a determinado movimento literário. Está relacionado a uma forma de vida no continente, de eleger uma identidade e, ao mesmo tempo, expressar autonomia e auto-determinação. (MERCADO, 2015, página web)

Assim, ser *Nuyorican* é viver entre dois mundos e/ou duas culturas e reafirmar o seu lugar, o seu espaço intermediário. E o *Spanglish* tem-se tornado, para muitos, a principal forma de manifestar essa hibridez que os rodeia.

O Spanglish e os Nuyoricans

Muitos porto-riquenhos que vivem em Nova York encontram-se diante deste incrível dilema: “Somos hispanos ou norte-americanos?”, “Qual será nosso futuro?”, “A quem devemos ‘lealdade’: aos EUA ou a Porto Rico?”. O *Spanglish*, muitas vezes, tem sido utilizado para demonstrar este conflito de identidades e para reforçar que estes indivíduos não pertencem completamente a nenhum lugar:

Nideaquinideallá
impossible to blend
impossible to categorize
impossible to analyze
impossible to synthesize
our guerrilla cultural camouflage
survival linguistic construction
at emergency moment's notice
complex afirmaciones parametric
principles fermenting
secretive universal
garbatopandegato
continental yearnings
complex jerigonza
de mi hablar
nideaquinideallá
escribelo junto
sin letra mayúscula
gracias

(LAVIERA, 2008, p.6)

O poema retratado mostra a ambiguidade de pertencer a dois lugares e, ao mesmo tempo, a nenhum deles de verdade. O poeta utiliza-se do *Spanglish* para reforçar essa hibridiz que o rodeia e que o constitui como um sujeito multiétnico e mestiço.

Segundo Hall (2014),

[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do Outro e que assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. (HALL, 2014, p. 112)

As identidades são concebidas, portanto, como as diferentes posições que o “sujeito” deve assumir, levando-se em consideração que tratam de representações sobre si e o outro. Ainda que determinados grupos apresentem características em comum, os processos de construção das identidades dos seus indivíduos podem diferir de pessoa para pessoa.

Bortolini, Garcez e Schlatter (2013) acreditam que:

O trânsito por diferentes grupos sociais configura o cotidiano da gente desse lugar, e a busca por pertencimento ora requer priorizar o que é igual ora o que é diferente – para isso, os discursos herdados servem para (de)marcar identidades e reforçar o que é conhecido por todos. Relações entre línguas e pertencimento podem ser usadas pelos participantes para justificar sua percepção de engajamento em práticas criativas e proficientes, nas quais se orientam para a interlocução e para os propósitos sociais do aqui e agora de cada encontro comunicativo. (BORTOLINI; GARCEZ; SCHLATTER, 2013, p.273)

Desse modo, os indivíduos podem apresentar distintas maneiras de reafirmar seu pertencimento a determinados grupos sociais, seja por aproximação ao que é comum aos demais integrantes daquela comunidade, ou por distanciamento do que é aceitável por “todos”. Ao tentar uma reaproximação à cultura “hispana”, muitos porto-riquenhos podem optar por falar espanhol, enquanto que outros podem se autodenominar “*spanglish-falantes*” na busca por exemplificar sua identidade multifacetada.

Para Blom e Gumperz (2013):

[...] A fala nativa do indivíduo é considerada parte integral de sua história familiar, um sinal de sua identidade local. Ao identificar-se como falante do dialeto, tanto em casa como fora da comunidade, o indivíduo comunica que tem orgulho de sua comunidade e da contribuição especial que sua comunidade faz à sociedade como um todo. (BLOM; GUMPERZ, 2013, p.48)

Logo, ao escolherem o *Spanglish* como forma de comunicação, os falantes estão manifestando seu pertencimento a um grupo de indivíduos que também possuem uma identidade múltipla e/ou mestiça.

Hall (2014) salienta que:

[...] as identidades não são nunca unificadas; [...] elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; [...] elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2014, p. 108)

As identidades são fragmentadas e construídas ao longo dos percursos que o sujeito realizar. São múltiplas e podem estabelecer cruzamentos entre si. Woodward (2014) acrescenta que:

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra. (WOODWARD, 2014, p. 32)

Dessa maneira, no mundo (pós)moderno, torna-se praticamente inviável falar em *identidade*, no sentido de algo único, singular. Se estamos em constante interação e realizamos contatos com inúmeras pessoas, o mais lógico seria pensarmos em *identidades*, diversificadas e plurais, pois vivemos um frequente conflito entre o que fomos, o que somos e o que queremos ou devemos ser.

Portanto,

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. **Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade.** Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. (SILVA, 2014, p. 83, grifo nosso)

O processo pelo qual uma determinada identidade é fixada como *a identidade* é, ao mesmo tempo, um processo de seleção e de exclusão, pois toda “padronização” e/ou “normatização” é classificatória e excludente. Assim como a escolha por uma única variedade linguística como a variedade “padrão” acarreta diversos preconceitos em torno às demais excluídas (BAGNO, 2011), a determinação de uma única identidade para um indivíduo e/ou um determinado grupo em questão faz com que as outras identidades sejam vistas como “erradas”, “estranhas” e, em certos casos, “anormais”.

De acordo com Rajagopalan (2006:66), “Cada ente tem a própria identidade, derradeira e inegociável. Qualquer desvio dessa norma, qualquer ente que fuja dessa regra – como um lobisomem ou vampiro – será imediatamente taxado de uma aberração da natureza, criatura teratológica”. Todo “desvio”, dessa forma, é compreendido como algo que precisa ser “combatido” e/ou “remediado”.

É por isso que o *Spanglish* tem sido eleito como uma espécie de “bandeira” da hibridez a que muitos hispanos nos EUA estão expostos. Por ser visto como desvio, é combatido por muitos e idealizado por outros que o consideram uma representação de suas identidades.

Observe o poema a seguir:

Spanglish

pues estoy creando spanglish
bi-cultural systems
scientific lexicographical
inter-textual integrations
two expressions
existentially wired
two dominant languages
continentally abrazándose
en colloquial combate
en las aceras del soil
imperio spanglish emerges
control pandillaje

sobre territorio bi-lingual
las novelas mexicanas
mixing with radiorocknroll
condimented cocina lore
immigrant/migrant
nasal mispronouncements
baraja chismeteos social club
hip-hop prieto street salsa
corner soul enmixturando
spanish pop farándula
standard english classroom
with computer technicalities

spanglish is literally perfect
spanglish is ethnically snobbish
spanglish is cara-holy inteligencia
which u.s. slang do you speak?

(LAVIERA, 2008, p.26)

O *Spanglish* é compreendido como um sistema bicultural, que transcende os domínios da linguagem, a ponto de culminar no surgimento de um “império *Spanglish*”, englobando a música, a televisão e a culinária, por exemplos.

Segundo Silva (2014):

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer o “que somos” significa também dizer “o que não somos”. As identidades se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. (SILVA, 2014, p. 82)

As diferenças não funcionam apenas como sistemas de demarcação das identidades, mas como fronteiras entre “*nós*” e “*eles*”. No momento em que um indivíduo “rompe as barreiras” do “*nós*”, passa a “pertencer” ao grupo formado por “*eles*”.

Ademais,

A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com a disputa e luta em torno dessa atribuição. (SILVA, 2014, p. 96)

A identidade, então, está estreitamente relacionada com as diferenças existentes no mundo, de modo que possamos considerá-la como algo heterogêneo e cambiante. É uma construção permanente. Silva (2014) acrescenta que:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. [...] A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2014, p. 76)

A identidade e a diferença são, portanto, produtos sociais e culturais. Não são preexistentes ao indivíduo, mas, necessitam de constantes atribuições de sentidos e de reformulações. Só são fabricadas pelos indivíduos mediante os contextos das relações sociais e culturais.

O *Spanglish*, então, tem sido compreendido como algo muito importante para a manifestação das identidades mestiças dos hispanos nos EUA. Fernández-Ulloa (2004:72, tradução nossa) acredita que “[...] para seus falantes se converteu em algo mais que uma forma de falar já que representa de alguma maneira essa dupla identidade e cultura que lhes rodea, reforçando sua autonomia como indivíduos de una sociedade multiétnica”.

Assim, este fenômeno é visto como uma marca de identidade mista, em que as “duas” culturas são imbricadas e envolvidas indistintamente.

Osorno (2005) alega que:

As últimas gerações de escritores de origem latino-americana em Estados Unidos o reivindicam como essência da sua dupla herança cultural e parte fundamental de sua condição híbrida. Porém hoje o spanglish é muito mais que uma língua falada e escrita. Sua influência tem sido ampliada à música, à moda e à gastronomia. Os grupos musicais que cantam em spanglish vêm crescendo em número e qualidade; os desenhistas lançam coleções para os spanglish-falantes e surgiu a chamada “nova cozinha latina”, que é uma fusão de sabores e produtos diversos procedentes de América Latina e Estados Unidos que oferece novos pratos com nomes em spanglish em restaurantes de todo o país. (OSORNO, 2005, *página web*, tradução nossa)

O *Spanglish*, então, tem-se constituído não apenas no modo de falar de muitos hispanos, mas engloba toda uma perspectiva de vida e envolve, com isso, uma posição ideológica muito marcada, por parte de seus falantes.

Para Betti (2009):

O *spanglish* revela um terceiro espaço, uma forma de viver, uma estratégia viva, expressiva, capaz de comover ou indignar, de veicular sentimentos e rebeliões, e sobretudo reflete um estilo de vida, os valores, as atitudes, a visão do mundo de muitos hispanos que assim se expressam e vivem. (BETTI, 2009, p.116, grifo da autora/tradução nossa)

O *Spanglish* representa então um lugar no qual os hispanos podem expressar a dualidade que os rodeia. Revela um terceiro espaço, uma forma de vida, cujos valores e atitudes mestiços são entrelaçados. Torna-se, assim, “a única pátria possível e o signo de identidade que confere um lugar no mundo aos imigrantes e filhos de imigrantes que se sentem estrangeiros tanto em seus países de origem como nos Estados Unidos”. (OSORNO, 2005, *página web*, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ACOSTA BEL, E. Diáspora puertorriqueña en Estados Unidos. *Enciclopedia de Puerto Rico*, 11/09/14. Disponível em: <http://www.enciclopediapr.org/esp/article.cfm?ref=06082951&page=6> Acesso: 14/10/15.

BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase.... In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (org.) *Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.355-387.

BETTI, S. Spanglish en los Estados Unidos: Apuntes sobre lengua, cultura e identidad. *CONFLUENZE, Rivista di Studi Iberoamericani*. Vol. 1, nº 2. Dipartimento de Lingui e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna: 2009. p. 101-121. ISSN: 2036-0967. Disponível em: Em: <http://confluenze.cib.unibo.it/article/view/1653/1026>. Acesso: 27/05/11.

BLOM, J. P.; GUMPERZ, J. O significado social na estrutura linguística. Alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p.45-84.

BORTOLINI, L. S.; GARCEZ, P. M.; SCHLATTER, M. Práticas linguísticas e identidades em trânsito: espanhol e português em um cotidiano comunitário escolar uruguaio na fronteira com o Brasil. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *O Português no século XXI: cenário político e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p.249-273.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 2ª edição.

FERNÁNDEZ-ULLOA, T. Espanglish y el cambio de códigos en el Valle de San Joaquín, California. In: *Symposium Proceedings. BilingLatiAm*, 2004. ESSARP, Buenos Aires: 2004. ISBN: 987-21341-0-3. p. 82-94. Disponível em: http://www.csub.edu/~tfernandez_ulloa/spanglish.pdf. Acesso: 21/10/12.

GARCÍA, G. S. C. La experiencia literaria 'riqueña': cuestiones de migración, lengua e identidad. *Lengua y migración* 2:2. Universidad de Alcalá: 2010. p. 67-82. ISSN : 1889-5425. Disponível em: <http://lym.linguas.net/Download.axd?type=ArticleItem&id=79> Acesso: 26/01/16.

GREM, J. M. *Paredes y Puertas: El Nuyorican Poets Cafe y La Poesía Performativa*. A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Master of Arts. Athens, Georgia, 2003/2006. Disponível em: https://getd.libs.uga.edu/pdfs/grem_jennifer_m_200605_ma.pdf Acesso: 21/10/15.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

LAVIERA, T. "Spanglish." *Mixturao and Other Poems*. Houston: Arte Público Press, 2008.

MERCADO, N. On Being Nuyorican. *Centro Voices*, 10/04/15. Disponível em: <http://centropr.hunter.cuny.edu/centrovoices/letras/being-nuyorican> Acesso: 31/01/16.

_____. Ser o no ser Nuyorican. *La Ventana*, 15/04/14. Disponível em: <http://laventana.casa.cult.cu/noticias/2014/04/15/ser-o-no-ser-nuyorican/> Acesso: 26/02/16.

OSORNO, A. P. Spanglish, una nación de iguales. *Ómnibus*, Nº 4. Año I. Julio 2005. Disponível em: <http://www.omni-bus.com/n4/spanglish.html> Acesso: 03/03/16.

PÉREZ, M. La guagua aérea”: Política, status, nacionalismo y ciudadanía en Puerto Rico. In: MATO, D.; MONTERO, M.; AMODIO, E. (eds.). *América Latina en tiempos de globalización: Procesos culturales y transformaciones sociopolíticas*. Caracas, CRESALC, 1996. p. 187-200.

RAJAGOPALAN, R. Pós-modernidade e a política de identidade. In: RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. M. (Org.) *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006. p. 61-80.

ROURA, B. G. *La integración de los aspectos socioculturales de los inmigrantes latinos de Nueva York en el aula de ELE del Instituto Cervantes*. Master UB Virtual: Formación de profesores ELE. Julio de 2006. Disponível em: http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Biblioteca/2007_BV_07/2007_BV_07_04GemmaBaltasar.pdf?documentId=0901e72b80e5387f Acesso: 10/02/16.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

TORRES, S. Porto-riquenhos em Nova York: discursos diaspóricos e mapas adjacentes. *Textura: Canoas*. Nº 2, 1º semestre de 2000. p. 33-41. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/676/486> Acesso: 29/12/15.

TORRES TORRES, A. Expresión lingüística e identidad en los latinos de los Estados Unidos. *CONFLUENZE* Vol. 1, No. 2, p 81-100, ISSN 2036-0967, 2009. Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna. Disponível em: <http://confluenze.unibo.it/article/view/1652> Acesso: 21/10/15.

VALENCIA, A. D. “Te llamo para atrás, ¿okey?” *Revista La Tadeo*. *Lenguas Del Mundo*. Por La Ruta De Babel. Edición No. 71. Año 2005. p. 181-189. Disponível em: <http://revistas.utadeo.edu.co/index.php/RLT/article/view/563> Acesso: 12/02/16.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.